

ECOLOGIA INTEGRAL E AMAZÔNIA

**P. Dario
Bossi, MCCJ***

Resumo:

A Panamazônia -aqui observada a partir de experiências do Brasil- encontra-se no limite da sobrevivência, pelas agressões do extrativismo predatório e do Coronavírus. Estamos num tempo de “tempestade perfeita”, interconexão de crises estruturais; o modelo ainda se sustenta pela ilusão do paradigma tecnocrático e pela necropolítica. A perspectiva da Ecologia Integral, apresentada pela encíclica *Laudato Si'*, oferece às pessoas de fé uma leitura crítica do modelo capitalista, uma outra visão de futuro e um apelo urgente à mudança. As comunidades locais podem ser fermento de uma nova ordem, inspirada por desafios globais, frente aos quais também a Igreja precisa se posicionar.

Palavras chave: Amazônia, ecologia integral, extrativismo predatório, *Laudato Si'*, Sínodo.

“Não consigo respirar!” - sussurrava George Floyd em Minneapolis, suplicando que o policial não o sufocasse. Com essas mesmas palavras, Edvard Cardeal pediu socorro na UTI, com os pulmões já contaminados pela poluição.

*Misionero Comboniano en Brasil, miembro de la red ecuménica Iglesias y Minería, de la REPAM, de la Comisión Episcopal sobre Ecología Integral y Minería de la CNBB, asesor de la CLAR para la Ecología Integral.

Seu Edvard¹ fundou a Associação Comunitária dos Moradores de Piquiá e foi por muitos anos seu presidente. Não se conformava: a terra de açaí e de água limpa que sonhava em deixar como dádiva a seus netos já estava quase completamente estragada pela fumaça, a poeira, o barulho e os metais pesados liberados pelas atividades de mineração e siderurgia que invadem há 35 anos a região onde ele morou.

Piquiá é um bairro de Açailândia, cidade do açaí, que foi violentamente transformada em cidade do aço pelo Programa Grande Carajás, o “projeto monstro” para extração e exportação de minério de ferro da Amazônia oriental brasileira, nos estados de Pará e Maranhão.

Como seu Edvard, outras centenas de pessoas vivem à margem da estrada de ferro para escoamento do minério e ao lado das plantas siderúrgicas, a primeira e ambientalmente mais agressiva etapa no ciclo de produção do aço.

¹ Para conhecer melhor a vida e espiritualidade de seu Edvard, sugerimos este artigo: <http://www.combonianos.org.br/noticias-e-artigos/noticias/245-carta-de-edvard-ao-neto-moisés-luta-e-sonho-de-libertacao>

O histórico presidente da Associação faleceu, sufocado pela poluição, em janeiro de 2020. A comunidade continua a lutar, para garantir respiro e vida a seus descendentes².

A ele e a toda sua comunidade dedicamos esse breve artigo, que apresenta o sonho do Papa Francisco e de muitas pessoas por uma ecologia integral na Amazônia e no mundo.

“Não consigo respirar” é também o grito silenciado da Amazônia inteira, há quinhentos anos agredida pelo colonialismo, que hoje se repropõe com tecnologias de ponta, mas com a velha roupa suja da agressão patriarcal e capitalista aos territórios. Bem disseram os bispos do CELAM: “O extrativismo é uma desenfreada tendência do sistema econômico para transformar em capital os bens da natureza”³.

² Para aprofundar a situação de Piquiá e sua luta digna e inspiradora, veja-se este relatório internacional: <https://www.fidh.org/pt/americas/brasil/9661-quanto-valem-os-direitos-humanos-os-impactos-sobre-os-direitos-humanos-da>

³ Carta Pastoral del Consejo Episcopal Latinoamericano, “Discípulos misioneros custodios de la casa común - Discernimiento a la luz de la encíclica *Laudato Si*”, CELAM, Bogotá 2018. Em português, o termo extrativismo se refere à digna e resistente prática das populações tradicionais que convivem nos territórios amazônicos trabalhando

A mesma violência estrutural que tirou a vida de George Floyd se repropõe nas agressões aos territórios amazônicos, num esquema classicamente denominado como “racismo ambiental”⁴.

Os danos e violações provocados ao meio ambiente prejudicam de forma muito maior as populações mais vulneráveis. É um único grito, dos pobres e da Terra, que sobe a Deus como em “dores de parto” (LS 2; Rm 8,22).

No Brasil, a pandemia de Covid-19 escancarou essas contradições, evidenciando a desigualdade estrutural de um país em que, pela mesma doença, negros morrem cinco vezes mais do que brancos⁵, e o índice de infecção

chega a ser até quase oito vezes maior entre indígenas do que entre brancos⁶! Da mesma forma, o impacto do Coronavírus demonstrou-se mais letal em regiões onde as condições socioambientais já prejudicam a saúde das pessoas e onde as atividades de mineração, por exemplo, contribuem muito mais para espalhar o vírus⁷.

Hospital de campanha

Quantos esforços implementamos, como comunidades de fé, tentando responder ao desafio da pandemia! Em todos os cantos da Amazônia, particularmente, nossas igrejas tornaram-se verdadeiros hospitais de campanha, como preconizava Papa Francisco.

na coleta e elaboração dos produtos locais. Utiliza-se a expressão “extrativismo predatório” para fazer referência ao modelo saqueador da mineração, do agronegócio e da extração de outras *commodities* para exportação.

⁴ Milanez, Felipe e Samuel Vida, “Pandemia, racismo e genocídio indígena e negro no Brasil: coronavírus e a política de extermínio”. Disponível em <https://www.clacso.org/pandemia-racismo-e-genocidio-indigena-e-negro-no-brasil-coronavirus-e-a-politica-de-exterminio/>

⁵ “Em duas semanas, número de negros mortos por coronavírus é cinco vezes maior no Brasil” A Pública, 06 de maio de 2020. Disponível em <https://apublica.org/2020/05/em-duas-semanas-numero-de-negros-mortos-por-coronavirus-e-cinco-vezes-maior-no-brasil/>

⁶ “Número de casos de indígenas infectados por coronavírus triplica a cada 5 dias no país; aldeia no Amazonas tem 33 novos registros”, O Globo, 24 de abril de 2020. Disponível em <https://outline.com/sjBK8Z> <https://oglobo.globo.com/brasil/numero-de-casos-de-indigenas-infectados-por-coronavirus-triplicacada-5-dias-no-pais-aldeia-no-amazonas-tem-33-novos-registros-24390810>

⁷ No sudeste do Pará, onde -no coração da Amazônia- foi cavada a maior mina de ferro a céu aberto do mundo, os três principais municípios mineradores têm taxas de Covid-19 mais altas que todos os outros municípios da região. <https://mamnacional.org.br/2020/06/18/eixo-carajas-no-sudeste-do-para-tem-numeros-alarmantes-de-contaminacao-pela-covid-19-veja-balanco/>

Um tecido impressionante de solidariedade e doação sem limites, para fazer frente à emergência. Mas -se quisermos continuar na metáfora da Igreja como hospital de campanha- devemos considerar que um bom sistema de saúde não se limita só ao primeiro socorro: precisa de habilidade e sabedoria na realização do diagnóstico, e também de um plano articulado de proteção e prevenção depois da doença.

Da mesma forma, os olhos da fé são desafiados a interpretar a origem e o sentido desta pandemia, e a ter visões (profecias) com respeito ao novo futuro possível, necessário e urgente⁸.

Aprofundando o diagnóstico

Como constatamos, esta pandemia é “apocalíptica” sobretudo no sentido que nos revela as contradições de um mundo profundamente adoecido. Nem é condenação de Deus (obviamente), nem vingança da natureza: estamos recolhendo as consequências inevitáveis de um sistema insustentável. Criamos a “tempestade

⁸ O movimento “Liberte o futuro”, no Brasil, é uma tentativa ampla e plural de estimular a imaginação de novos mundos possíveis. Cf. <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-07-05/liberteofuturo.html>

perfeita”, pela conexão devastadora de três crises estruturais: “a emergência climática, a aniquilação em curso da biodiversidade e o adoecimento coletivo dos organismos, intoxicados pela indústria química”⁹.

Os poderes políticos e econômicos teimam em manter vivo este sistema com obstinação terapêutica e muitas injeções de recursos.

O capitalismo é, por definição, um modelo produtivo que se sustenta só na medida em que puder constantemente crescer. Agora, está se deparando com os limites dos recursos naturais à disposição, que chegaram ao esgotamento. Não querendo reconhecer sua derrota, desafia como um câncer o organismo dentro do qual se instalou, sugando até o fim suas energias. Para não morrer, precisa matar: seja invadindo os últimos sagrados espaços geográficos em que ainda pode encontrar matérias primas e vigor para sua pujança, seja eliminando os atores inúteis, “de sobra”, que não

⁹ Luiz Marques, “A pandemia índice no ano mais importante da história da humanidade”, Unicamp, 05 de maio de 2020. Disponível em: <https://www.unicamp.br/unicamp/noticias/2020/05/05/pandemia-incide-no-ano-mais-importante-da-historia-da-humanidade-serao-proximas>

servem para sua expansão e competem com sua fome de recursos.

Aliado aos poderes estatais, este câncer construiu complexos sistemas de “necropolítica”¹⁰. Associado à tecnologia, absolutizou o “paradigma tecnocrático dominante”, que o terceiro capítulo da *Laudato Si’* define como “raiz humana da crise ambiental”.

A necropolítica precisa da ordem da força, para instalar o projeto de exclusão desta “economia que mata”¹¹. Nunca como hoje, a confirmação disso, a Amazônia está sendo militarizada. Os territórios extrativos vêm sendo cada vez mais controlados por milícias, forças de segurança privadas ou exércitos nacionais. No combate ao desmatamento no Brasil, os institutos historicamente responsáveis pela vigilância e prevenção estão sendo substituídos por operações militares muito mais caras, menos competentes e eficazes¹².

¹⁰ Uma boa referência para aprofundar o tema da necropolítica é o seguinte artigo, publicado por Instituto Humanitas Unisinos: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/595098-neoliberalismo-e-necropolitica>

¹¹ *Evangelii Gaudium*, 53.

¹² The Intercept, “Forças Armadas recebem orçamento 10 vezes maior que Ibama para não fiscalizar a Amazônia”, 9 de julho de 2020. Disponível em: <https://theintercept.com/2020/07/09/>

A expressão mais evidente e cínica da necropolítica no Brasil se dá pelo ataque sistemático aos povos indígenas, quilombolas e demais populações tradicionais. A Associação dos Povos Indígenas do Brasil (APIB)¹³ chegou a denunciar a omissão de socorro a estes povos como deliberada e estratégica. Seria, em outras palavras, um plano etnocida de enfraquecimento da resistência das comunidades que não se submetem ao projeto de expansão do extrativismo predatório em suas terras. O limite paradoxal desta postura foi o veto do Presidente da República a vários artigos de um projeto de lei para socorro emergencial aos povos originários frente ao Covid-19. Os vetos chegaram a negar o fornecimento de água potável, materiais de higiene e desinfecção, leitos de UTI, ventiladores pulmonares, entre outros!

A ilusão da tecnologia como solução chega a proporcionar às técnicas um poder de comando, empoderando-as de forma exponencial como instrumentos para repararem os defeitos do mundo, considerado em contínua evolu-

[militares-recebem-mais-ibama-nao-fiscalizar-amazonia/](https://www.militares-recebem-mais-ibama-nao-fiscalizar-amazonia/)

¹³ APIB, “Emergência indígenas: plano de enfrentamento da Covid-19 no Brasil”. Disponível em: <http://emergenciaindigena.apib.info/>

ção. É a teoria do transumanismo, ou dos “super-humanos”, cuja *hybris* foi desmontada globalmente por uma simples zoonose, um vírus de 120 nanômetros.

Prevenção é imaginar o futuro

Nós, que temos nos mostrado tão competentes em imaginar o fim do mundo —do apocalipse bíblico aos filmes de zumbi, dos vírus a um ataque alienígena, do domínio da inteligência artificial ao holocausto nuclear—, temos que nos tornar capazes de imaginar o fim do capitalismo. Temos que nos tornar capazes, principalmente, de imaginar um futuro onde possamos e queiramos viver. Imaginar é ação política. Imaginar é instrumento de resistência. Imaginar o futuro já é começar a criar o presente¹⁴.

Não podemos voltar ao normal, porque o normal era o problema. Imaginar o futuro pós-pandemia é profecia, etimologicamente falando: é enxergar com os olhos de Deus e apontar caminhos de esperança e êxodo. Se a Vida Religiosa não mergulhar neste desa-

¹⁴ Trecho do manifesto da iniciativa “#liberteofuturo - Por que nos juntamos num movimento global de resgate do presente”. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-07-05/liberteofuturo.html>

lio, perderá não só uma oportunidade decisiva, mas seu próprio sabor e luz.

Por isso, na exortação post-sinodal Querida Amazônia, Papa Francisco usa a linguagem dos sonhos e da poesia. Em muitas culturas indígenas, os sonhos são ponto de partida para o planejamento de uma agenda de vida, para os planos de trabalho cotidiano. E são também mapas para construir realidades que ainda não existem.

*Do rio, fazes o teu sangue (...).
Depois planta-te,
germina e cresce
que tua raiz
se agarre à terra
mais e mais para sempre
e, por último,
sê canoa,
barco, jangada,
solo, jarra,
estábulo e homem¹⁵.*

Também a poesia é visão, criação de futuro, transformação permanente da realidade: no celebre discurso de 2015 em Santa Cruz (Bolívia), Papa Francisco chamou os movimentos populares de

¹⁵ Yglesias, Javier, “Llamado”, Revista peruana de Literatura, 6 (junho 2007), 31. Citado em Querida Amazônia, 31.

“poetas sociais”. Assim devemos ser também nós, missionárias e missionários do Reino de Deus!

De onde partir? Como Jesus de Nazaré, dos territórios, das comunidades de base, como aquela de Piquiá. As formas de resistência territorial, as culturas populares e sua relação com o entorno oferecem alternativas à homogeneização cultural, deslançam novos processos em gestação, permitem o protagonismo dos atores sociais locais e garantem a qualidade de vida e “a imensa variedade cultural, que é um tesouro da humanidade” (LS 144).

As comunidades locais podem ser fermento de uma nova ordem, porque nelas é ressignificado o conjunto de valores e desejos que movem as escolhas e constroem as relações sociais. Frequentemente, na esfera do privado cada indivíduo é induzido pelo modelo de consumo e descarte a introjetar determinados desejos e satisfações, separando-se das outras pessoas e perdendo o sentido e o sonho do Bem Comum. As comunidades, assim, são o elo indispensável entre o privado e os planos de vida comum, que caracterizam sociedades organizadas. Nesse contexto, a Vida Religiosa

e a comunidade de fé têm um potencial enorme, por desmistificar os desejos induzidos pelo sistema de consumo e pela sede de poder, alimentar a indignação, a paixão e o sonho, tecer laços de resistência e experimentar novas relações inspiradoras.

Muitos povos indígenas são exemplo luminoso disso, mostrando que é possível viver relações de abundância, gratidão e partilha, sem perder a dimensão de escassez e limite que é própria da vida e do meio ambiente.

Decorre dessa intuição uma série de propostas concretas que precisamos visibilizar, consolidar e interconectar nos territórios, assim como buscam fazer iniciativas como “A economia de Francisco e Clara”¹⁶ ou “A caminho para a cura da Casa Comum”¹⁷.

¹⁶ Encontro mundial promovido por Papa Francisco convocando em Assis (Itália) jovens empreendedores e economistas, para celebrar um pacto, no espírito de São Francisco, para que a economia se torne cada vez mais justa, fraterna e sustentável. A articulação brasileira criada em vista deste encontro insiste para incluir, na inspiração do evento, também a dimensão feminina de Clara e, com isso, a referência a novos modelos e relações circulares de economia.

¹⁷ Mesa Interdicasterial da Santa Sé sobre Ecologia Integral, “A caminho para a cura da Casa Comum - A cinco anos

Entre as propostas, destacamos o fomento à produção e ao comércio local; o fortalecimento de redes de intercâmbio entre o campo, a floresta e a cidade; modelos de economia circular; a agroecologia; o resgate da medicina tradicional. Essas práticas de vida e relação entre comunidades são uma das perspectivas da ecologia integral, cujo paradigma agrega as dimensões econômica, social, política, cultural, educativa e as práticas de novos estilos de vida nas relações cotidianas.

A *Laudato Si'* conecta a dimensão comunitária e molecular das transformações necessárias com a dimensão global do desafio, apelando à Igreja, a todas as espiritualidades e ao inteiro Planeta.

Nesta hora urgente e decisiva para a Amazônia e o mundo

da *Laudato Si'*”, Libreria Editrice Vaticana, 2020. O livro recolhe inspirações da *Laudato Si'*, boas práticas de diversas partes do mundo e propostas concretas para transformar a *Laudato Si'* em ação.

inteiro, o tecido cotidiano das relações novas que precisamos construir interliga-se ao seguinte tríplice desafio global¹⁸:

- a autossuficiência alimentar dos territórios, a partir de uma agricultura orgânica e um sistema energético e produtivo de baixo carbono;
- uma nova ordem jurídico-política internacional, em favor de uma governança global;
- a conversão do “antropocentrismo desordenado”, “sonho prometeico de domínio sobre o mundo” (LS 116, 119), rumo a novas relações de fraternidade e sororidade entre todas as criaturas.

¹⁸ Marques, Luiz, “Pandemics, Existential and non-Existential Risks to Humanity”, publicado na revista Ambiente e Sociedade, seção especial “Debating ideas - The COVID-19 epoch: Interdisciplinary research towards a new just and sustainable ethics”, 23, Junho, 2020.